

Nova Evangelização

Desde que João Paulo II, num discurso à CELAM, em Puerto Rico (Haiti), a 9 de Março de 1983, usou a expressão NOVA EVANGELIZAÇÃO, esta entrou no vocabulário eclesial. Tal expressão, porém, é lida, senão ambigualmente, pelo menos diversamente. NOVA EVANGELIZAÇÃO tem conotações muito diferentes na América Latina, África ou Europa, devido aos contextos culturais. A mesma expressão, pode ainda induzir a atitudes e orientações muito diferentes e por vezes contraditórias.

Sentindo, embora, a ambiguidade não só da expressão, Nova Evangelização, como também do conceito de Evangelização, nunca se pode esquecer o que Paulo VI escreveu: «A fidelidade à mensagem de que somos servidores e às pessoas a quem a devemos transmitir intacta e viva, constitui o eixo central da Evangelização»¹.

A expressão NOVA EVANGELIZAÇÃO, portanto, criou um certo fascínio-solução para muitas interrogações da Igreja. Tendo, contudo, algo de fascínio, até de moda ou utopia, a expressão revela a força renovadora do Espírito Santo porque, «Ele é sempre o vigor da missão da Igreja e do seu despertar espiritual e pastoral»².

1. EVANGELIZAR É A GRAÇA E A VOAÇÃO DE TODA A IGREJA

Na base da Nova Evangelização está necessariamente uma Eclesiologia, porque evangelizar é a vocação da Igreja, mas também se pode afirmar o contrário, para atingir uma nova eclesiologia necessita-se uma nova evangelização.

¹ Paulo VI, Exort. ap. *Evangelii Nuntiandi* (8-12-1975), 4.

² Cong. Rel. Inst. Sec., *Mutuae relationes* (14-5-1978), 1.

1.1 Ecclesiologia para Nova Evangelização

A Igreja tem uma vida e como toda a vida é misteriosa e necessita de adaptar-se ao contexto envolvente. Assim a partir do concílio de Trento especialmente através da elaboração teológica de Roberto Belarmino, até aos nossos dias, apreseantava-se uma imagem eclesial demasiado marcada pelos elementos institucionais. Nos últimos anos aprofundou-se, porém, a compreensão da Igreja com novos elementos: corpo de Cristo, comunidade, querigma, missão... o Vaticano II utilizou «modelos» como: Sacramento, Povo de Deus, Comunhão, (LG) e Servidora (GS).

Afirma-se, com razão, que o Vaticano II produziu uma nova imagem ou compreensão da Igreja, introduzindo, portanto de algum modo, transformações na ecclesiologia. Ele operou uma espécie de Ecclesialização da consciência cristã: Todos somos Igreja «os elementos que diferenciam os diversos membros entre si, ou seja, os dons, funções e tarefas, constituem em substância uma espécie de complemento recíproco e ordenam-se de facto à única comunhão do mesmo corpo. E deste modo o facto de ser na Igreja Pastor, Leigo ou religioso, não implica desigualdade quanto à dignidade comum dos membros, mas, exprime antes, a articulação dos membros e funções de um organismo vivo»³.

Ora a consciência ecclesiológica, ou a maneira de entender e viver o mistério eclesial tem íntima conexão com a evangelização. Nunca se pode separar mentalidade ecclesiológica e evangelização. Sendo assim, qualquer desejo de NOVA EVANGELIZAÇÃO exige uma nova ecclesiologia. O Vaticano II ofereceu-nos uma nova compreensão eclesial, porque desejava realizar o «aggiornamento», uma nova evangelização.

É mister, pois, afirmar que a Ecclesialização da consciência cristã conduz também à ecclesialização da missão, e portanto da Evangelização.

A Igreja é fundamentalmente mistério de comunhão como evidenciou o Vaticano II e outros documentos posteriores: «Apresentando-a como mistério. Com efeito desde o dia de Pentecostes existe no mundo um POVO NOVO, que vivificado pelo Espírito Santo, se reúne no mundo em Cristo para ter acesso ao pai. Os membros desse povo são convocados de todas as nações e fundem-se numa unidade tão íntima, que não se pode explicar simplesmente com fórmulas

sociológicas, pois há nela uma verdadeira novidade que transcende a ordem humana»⁴.

Ou seja a Igreja, POVO NOVO, é o sujeito da missão. Ela existe para evangelizar. É a expressão desta novidade que constitui a vocação da Igreja.

Esta é a novidade com relação a outras ecclesiologias segundo as quais a Evangelização competia ao ministério ordenado. É certo, que ainda hoje encontramos uma enorme distância entre o dever ser e o ser, entre a ecclesiologia de missão e a consciência eclesial de evangelização. Mas de pé fica a afirmação de que o povo é sujeito activo de Evangelização. «A Igreja primitiva vive a missão como tarefa comunitária embora reconheça, no seu seio, «enviados especiais», ou «missionários consagrados aos pagãos» como no caso de Paulo e Barnabé⁵.

Esta consciência de Igreja vem acompanhada do processo de escatologização da Igreja, isto é, a Igreja existe em função do Reino de Deus, que a transcende. A Igreja não é fim em si própria, pelo contrário, deseja intensamente ser toda de Cristo, em Cristo e para Cristo, e toda dos homens, entre os homens e para os homens⁶. «A Igreja está efectivamente e concretamente ao serviço do Reino»⁷. O seu contexto existencial é o mundo no que existe e para o que vive, percebendo-se portanto como instrumento para o advento e construção do Reino na história.

A nova consciência de Igreja, bem como o novo contexto histórico concorreu decisivamente para uma nova evangelização. «A consciência da Igreja deve andar unida com uma abertura universal, a fim de que possam nela encontrar «as insondáveis riquezas de Cristo», das quais falava o apóstolo das gentes⁸.

1.2 Nova Evangelização

O Sujeito activo e responsável da Evangelização é a Igreja como descrevem a EN (61) ou a ChL (34). Por este motivo o primeiro objectivo da NOVA EVANGELIZAÇÃO é «a formação de comunidades eclesiais amadurecidas... (ChL 35). Torna-se, por isso, necessária uma nova evangelização para elaborar uma nova consciência eclesial,

⁴ *Ibidem*, 1.

⁵ João Paulo II, Carta Enc. *Redemptoris Missio* (7-12-1990), 61.

⁶ Paulo II, Disc. de Abertura da III Sessão do Conc. Vaticano II.

⁷ João Paulo II. Carta Enc. *Redemptoris Missio*, 20.

⁸ *Ibidem*, 2.

³ *Ibidem*, 2.

ou seja, a Igreja vai sendo pensada a partir da missão. A teologia da missão nascerá da consciência de que a Igreja é estruturalmente missionária: a missão é a sua razão de ser. Em segundo lugar a missão é inseparável da questão da inculturação o que também implica uma Nova Evangelização a partir de contextos culturais novos e plurais.

Finalmente a Igreja é uma manifestação humilde da presença de Deus através do serviço, da humildade e da cruz (2Cor. 4, 7). Uma nova eclesiologia? só depois de uma nova Evangelização, sendo esta como o grande instrumento criador de nova imagem de Igreja. E por isso necessitamos evangelizar sem cessar.

1.3 Nova Evangelização porquê?

Não é fácil compilar os documentos que incidem ou fundamentam e mesmo clarificam a NOVA EVANGELIZAÇÃO⁹. Mas é importante perceber como surge e porque nasce esta NOVA EVANGELIZAÇÃO. Todos sabemos que ela não surge espontaneamente, mas progressivamente até chegar ao dia de hoje. João Paulo II na sua primeira encíclica-programa, escreveu textualmente: «desejo exprimir também eu o meu amor pela singular herança deixada à Igreja pelos sumos Pontífices João XXIII e Paulo VI, e, ao mesmo tempo, manifestar a minha disponibilidade para cumpri-la com a ajuda de Deus» (RH 2).

1.3.1 Génese da Nova Evangelização

A Nova Evangelização enraiza, pois, em muitos documentos anteriores a 1983, ano em que João Paulo II deitou mão desta expressão.

De João XXIII revestem grande importância a «Mater et Magistra» (1961) e a «Pacem in terris» (1963). Ambos documentos abrem horizontes para um mundo mais fraterno e solidário, não esquecendo também o seu discurso de abertura do Concílio Vaticano II.

Os documentos de Paulo VI que contribuem para a Nova Evangelização são Ecclesiam Suam (1964), Populorum Progressio (1967), Octogesima Adveniens (1971) e muito particularmente a Evangelii Nuntiandi (1975).

⁹ Cf. CELAM, V Centenário de los descubrimientos y Evangelización, Sto. Domingo — Documentos.

João Paulo II na sua primeira encíclica (RH) revela o propósito de continuar o caminho iniciado pelos seus insígnos antecessores, e escolhe um lema luminoso: «Jesus é o Redentor do Homem» (RH 8) centrando a acção evangelizadora da Igreja na redenção integral do homem. Estes documentos são as raízes e as fontes da NOVA EVANGELIZAÇÃO.

1.3.2 O Vaticano II e a «Evangelii Nuntiandi»

O Vaticano II e a EN constituem, porém, a medula e a orientação fundamental da Nova Evangelização. O Vaticano II encontra as verdadeiras raízes da igreja Missionária nas missões trinitárias. A modo de exemplo, tão só, recolho este texto do decreto «Ad Gentes»: «A Igreja peregrina é por sua natureza missionária visto que segundo o designio de Deus Pai, tem a sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo»¹⁰.

O Sínodo sobre a Evangelização no Mundo contemporâneo produziu, por Paulo VI, um documento lúcido e dinamizador para toda a Igreja EN (1975). Nele sublinha-se que:

- «Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja a sua mais profunda identidade» (EN 14);
- «como Evangelizador, Cristo anuncia em primeiro lugar o Reino de Deus, de tal maneira que, em comparação com ele, tudo o mais a ser o “resto que é dado por acréscimo” (EN 8);
- como núcleo e centro da sua Boa Nova, Jesus anuncia a salvação, esse grande dom de Deus, que é a libertação de tudo aquilo que oprime o homem» (EN 9);
- «Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si própria» (EN 15);
- «A Igreja é toda ela evangelizadora... evangelizar não é para quem quer que seja um acto individual e isolado, mas profundamente eclesial». (EN 60).

E Paulo VI terminava propondo Maria como a Estrela da Evangelização. Evangelização, que a Igreja obediente ao mandato de Cristo deve sempre promover e realizar sobretudo nestes tempos difíceis, mas cheios de esperança. (82 EN).

¹⁰ II Conc. Ecum. Vaticano, Decreto sobre a Actividade Missionária, Ad gentes, 2.

1.3.3 *Apelo insistente de João Paulo II*

Desde 1983, até hoje, o Papa não se tem cansado de repetir o apelo para a NOVA EVANGELIZAÇÃO. E fica bem claro na última carta encíclica, «Redemptoris Missio», recentemente publicada.

João Paulo II propõe a Nova Evangelização como um projecto para toda a Igreja. Nesta sua proclamação podem distinguir-se três momentos importantes:

- Em 1983, recolhendo o espírito e expressão de Medellín proclama em Haiti para toda a América Latina uma Nova Evangelização: Nova no ardor, nos seus métodos e na sua expressão. No ano seguinte, 1984, em Sto. Domingo, o Papa concretiza este objectivo «gerar a partir da América Latina um futuro de esperança. Este tem um nome: a civilização do amor».
- A carta aos presidentes das Conferências Episcopais da Europa, em 1986, constitui um segundo momento importante neste apelo. O Papa incita-os a promover uma nova evangelização da Europa, que classifica de *reevangelização do velho continente*. E em 1988 fala de segunda evangelização.
- Um terceiro momento importante nesta proclamação começa em 1985 e explicita-se na Exortação *Christifidelis Laici* (34, 35) ao proclamar a Nova Evangelização como um projecto planetário, isto é, para a Igreja universal: Chegou a hora de nos laçarmos numa nova evangelização. Só uma nova evangelização poderá garantir o crescimento de uma fé límpida, capaz de converter tais tradições numa força de libertação autêntica.

E na última carta Encíclica afirma: «Consciente desta responsabilidade, no encontro com os Bispos, sinto o dever de a partilhar em ordem tanto à NOVA EVANGELIZAÇÃO como à missão Universal»¹¹. Por isso todos os discursos do Papa aos Bispos nas suas visitas «Ad limina» estão marcados por este apelo da NOVA EVANGELIZAÇÃO.

Pode, pois, concluir-se que a nova evangelização tem como objectivo promover com o novo ardor, novos métodos e nova expressão as sementes evangélicas da civilização do amor neste advento do terceiro milénio.

¹¹ Carta Enc. *Redemptoris Missio*, 63, 86.

1.3.4 *Características da Nova Evangelização*

Este apelo da Igreja não é apenas um tema teológico-pastoral, é sobretudo um projecto evangelizador. Alguém o classificou como o «primeiro plano de Pastoral orgânico da Igreja Universal» que apresentaria estas características:

Projecto planetário, universal que pretende enfrentar o fenómeno cultural da humanidade e responder às exigências e situações deste universo numa perspectiva do Reino de Deus a instaurar. Esta perspectiva universal da Nova Evangelização, porém, não condiz com uniformismo e homogeneidade de todos os sectores e lugares ou culturas. Os desafios são diferentes nos 5 continentes, e desta realidade nasce necessariamente a regionalização.

A Nova Evangelização é portanto *plural e inculturada*. Dada a interdependência do nosso mundo a mesma regionalização gera complementaridade. Todas as Igrejas locais se necessitam mutuamente, para que projecto de Nova Evangelização aconteça.

A Nova Evangelização não é reevangelização. A partir da realidade actual e dos sinais dos tempos, a Nova Evangelização é uma nova etapa da Evangelização iniciada há quase 2.000 anos. O Presente é ponto de partida para encetar novos rumos. «A Igreja deve dar hoje um grande passo em frente na sua evangelização, deve entrar numa nova etapa histórica do seu dinamismo missionário»¹².

A Nova Evangelização não começa, já começou. Admite, isso sim, possibilidades e criatividade pelo que o Espírito Santo nos pode conduzir.

1.3.5 *Estrutura da Nova Evangelização*

Além destas características, a Nova Evangelização sublinha alguns aspectos fundamentais que constituem a sua estrutura-base:

- *A compreensão evangélica da realidade*. Todo projecto pastoral tem uma visão e compreensão evangélica da realidade. E por isso a Nova Evangelização supõe sempre a análise evangélica da realidade apoiada também nos instrumentos das Ciências Humanas. E pode dizer-se, com verdade, que a *pobreza-injusta e o pecado* são dois polos do processo de análise, sem esquecer os outros sinais dos tempos.

¹² Exort. Ap. Pós-Sinodal, *Christifideles Laici* (30-12-1988), 35.

— *Opções fundamentais da Nova Evangelização.* A Nova Evangelização tem de passar do dizer ao fazer. E deste modo parece que algumas opções estão subjacentes ao apelo para a Nova Evangelização. São elas a *opção preferencial* pelos pobres (SRS 39), a *transformação cultural e mudanças* de estruturas (Ch L 46).

— *Os objectivos da Nova Evangelização.* Conhecida a realidade e escolhidas as opções, a Nova Evangelização estabelece objectivos. Entre nós poderia ser o seguinte o primeiro objectivo: «evangelizar e renovar a fé do povo cristão, na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo». De facto, a debilidade da fé da maioria dos nossos irmãos em Cristo, que os efeitos morais e espirituais da mutação sócio-cultural estão a evidenciar... apela para uma acção concertada na linha da promoção e educação da fé»¹³.

Um segundo objectivo é a programação da solidariedade libertadora bem como a promoção de todas as culturas em que «a diferença entre o ser e ter não deve transformar-se necessariamente numa antinomia» (SRS 28).

O terceiro objectivo é a promoção da Igreja evangelizadora e solidária: «é urgente, sem dúvida, refazer em toda a parte o tecido cristão da sociedade humana. Mas, a condição é a de refazer o tecido cristão das próprias comunidades eclesiais que vivem nos países e nas nações». (Ch L 34).

— *As urgências da Nova Evangelização.* A urgência da Nova Evangelização é não só a promoção das vocações de ministros ordenados, religiosos ou leigos, mas também a sua formação integral adequada (Ch L 61-62). E João Paulo II na encíclica já citada diz: «Não existe testemunho sem testemunhas, como não há missão sem missionários. Com a finalidade de colaborarem na Sua missão e continuarem a Sua obra salvífica. Jesus escolhe e envia pessoas como suas testemunhas e apóstolos...» (RM 61).

— *A Espiritualidade da Nova Evangelização.* João Paulo II caracterizou a Nova Evangelização com uma expressão bíblica que sugere um quase pentecostes: «novo ardor». E na RM (87) explica: «tal espiritualidade exprime-se, antes de mais, no viver em plena docilidade ao espírito e em deixar-se

plasmar interiormente por Ele, para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo».

É esta abertura ao Espírito que gera o novo ardor missionário. Só sob a força do Espírito a missão é pentecostes, a Igreja é um mistério de comunhão trinitária, a fé é vida, o culto é memorial.

Alguém sintetiza as características da espiritualidade dizendo que deverá ser: uma espiritualidade *contemplativa*, porque escolhidos para servir; uma espiritualidade *libertadora*, porque deve atender a justiça e os apelos dos pobres; uma espiritualidade *material* já que deve carregar com o pecado do mundo de hoje; e finalmente uma espiritualidade *utópica* porque deve esperar contra toda a esperança¹⁴.

Além de tudo isto poderíamos com João Paulo II dizer é «nota essencial da espiritualidade missionária a comunhão íntima com Cristo» (RM 88), e ainda «a espiritualidade missionária caracteriza-se, além disso, pela caridade apostólica», (Id 89) e conclui: «Todo o missionário só o é autenticamente se se empenhar no caminho da santidade» (Id 90).

Ao concluir esta parte, percebe-se que a Nova Evangelização não consiste sobretudo em fazer coisas novas, mas em renovar tudo: «eis que renovo todas as coisas» (Apo. 21, 5).

As ambiguidades e as falsas interpretações nascem sobretudo do adjectivo «nova». A Ideia de novidade não provoca problemas se «nova» se contrapõe tão só a antiga, ou anterior. Será, porém ocasião de conflito, se «nova» quer significar *ruptura* com a evangelização que se vinha fazendo.

Nunca, pois, será legítimo entender *Nova* como oposição à antiga no sentido de que esta estava errada.

Porque a Nova Evangelização nunca pode esquecer que o primeiro Evangelizador é Cristo actuando pelo Seu Espírito. E Ele esteve presente em todos os tempos, em todos os lugares. Neste sentido não há nova evangelização, toda é tão antiga como a presença do Espírito Santo no Mundo.

É, contudo, próprio do homem procurar o novo. E a história mostra que o que não se renova morre. O novo tanto fascina como assusta. Ora partir do novo *significa posicionar-se* diante de um passado, muitas vezes secular, como é o caso da Evangelização, e *perceber* que certos eixos devem ser revistos, e *assumir* as implicações daí resultantes.

¹³ Conf. Ep. Port., Carta Pastoral, Lisboa, SGE (1984), 6, 7.

¹⁴ Cf. Codina, V., Rev. Convergência, Rio de Janeiro, 235 (1990), 404.

A Nova Evangelização deve ser ocasião, Kairós, para corrigir os erros e suprimir as lacunas da primeira evangelização. Não basta que seja uma Evangelização cronologicamente posterior à primeira, há-de ser «*qualitativamente nova*».

A Nova Evangelização é nova, porque tem de responder a problemas novos que não existiam nas sociedades não modernas ou pré-modernas. Pode também dizer-se que é nova, porque tem ao seu dispor meios novos. Nova pelos apelos que desde o Vaticano II se ouvem: «Uma nova forma de entregar as riquezas do depósito da fé ao mundo de hoje», «ou ainda» «a Igreja tem de infundir nas veias da humanidade actual a virtude perene, vital e divina do Evangelho».

Nova pelo dinamismo novo, que o Papa explica deste modo: «É preciso estudar a fundo em que consiste esta nova Evangelização, o seu alcance e o seu conteúdo doutrinal e implicações pastorais; determinar os métodos mais apropriados para os tempos que vivemos; buscar a expressão que aproxima mais da vida e das necessidades dos homens de hoje sem que por isso nada perca da sua autenticidade e fidelidade à doutrina de Jesus e à tradição da Igreja».

Nova, porque está surgindo o denominado quarto homem, o homem da pós modernidade, o homem pós-histórico e transcultural. É um homem que necessita, com urgência, da Nova Evangelização, tanto se se trata da primeira como se se trata da segunda, pois tal homem rege-se por critérios que necessitam de ser evangelizados¹⁵.

Nova, finalmente, porque o desejo das origens ainda não está realizado, já que o novo ardor, métodos e expressão estão sempre em esperança.

Nova no ardor, certamente não significa entusiasmo fácil, pelo contrário remete para, aquilo que exige muito empenho, muito suor, tanto na linha do discernimento, quanto na execução.

Nova nos métodos, que não são apenas técnicas sofisticadas. A metodologia é um dos aspectos mais desenvolvidos na teologia. Implica, de novo, análise, ajustamento das situações cambiantes e práticas que deverão ser testadas sempre do novo.

Nova na expressão, não pode significar apenas expressão linguística: é muito mais que uma questão de linguagem; e ainda mais que uma questão de práticas que falam¹⁶. A Evangelização é sempre Nova porque tem de conseguir «uma síntese criadora entre Evangelho e a vida»¹⁷.

¹⁵ Cf. Gómez, A. J., *La vida religiosa y Nueva Evangelización*, Madrid, Ed. PCL, 1990, 40.

¹⁶ Cf. Moser, A. Rev. *Convergência*, Rio de Janeiro, 222 (1989), 219.

¹⁷ João Paulo II, Disc. às Conf. Ep. da Europa, 1985.

2. ALGUNS DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO

A nova Evangelização levanta naturalmente interpelações-desafios para todos os cristãos e suas comunidades. Eles brotam também do novo contexto que nos envolve. Sublinham-se os seguintes:

2.1 Ler os sinais dos tempos

Esta interpretação, de que tanto se tem escrito e falado, pode de algum modo resumir-se nestas duas frases-síntese: «novas situações tanto eclesiais como sociais, económicas, políticas e culturais, reclamam hoje, com uma força toda particular, a acção dos fiéis leigos. Se o desinteresse foi sempre inaceitável, o tempo presente torna-o ainda mais culpável. Não é lícito a ninguém ficar inativo»¹⁸.

«A história do mundo de hoje, que se encarna na história concreta de cada homem, converte-se num livro aberto de meditação apaixonada para a Igreja e para todos os cristãos. Esta meditação converte-se efectivamente num repto a todas as vocações na Igreja, provocando-as a uma exigente revisão de vida e de compromisso»¹⁹.

Só uma abertura e leitura ao mundo envolvente nesta perspectiva possibilitará uma Nova Evangelização.

2.2 Deixar-se Evangelizar

Antes de evangelizar o mundo e os outros, e precisamente, para os evangelizar, é necessário deixar-se evangelizar pelo Senhor. «Evangelizadora, como é, a Igreja começa por se evangelizar a si própria. A Igreja tem sempre de ser evangelizada se quiser conservar o frescor, alento e força para anunciar o Evangelho» (EN 15).

Talvez por este motivo, tenham surgido entre nós publicações que incidem neste grito-interpretação, como «evangelizar os Baptizados»²⁰.

Cabe-nos potenciar esta auto-evangelização permanente. Só ela prepara para a participação na Nova Evangelização. «Só uma nova Evangelização poderá garantir o crescimento de uma fé limpa e profunda, capaz de converter “tais tradições” numa força de liberdade autêntica»²¹.

¹⁸ João Paulo II, Exort. Ap. *Christifideles Laici*, 3.

¹⁹ Cong. Rel. Inst. Sec., *Religiosos e Promoção Humana* (12-8-1980) 15.

²⁰ Bernardo, M., *Evangelizar os Baptizados*, 3 Vol., Porto Ed. Perpétuo Socorro.

²¹ João Paulo II, *Christifideles Laici*, 34.

2.3 Renovar-se

A renovação pedida pelo Vaticano II não foi um capricho. É um imperativo do Novo Testamento. S. Paulo repetidamente a inculca às comunidades. «Renovai espiritualmente a vossa mente e revesti-vos do homem novo» (Ef 4, 23); «Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente» (Rom 12, 2).

Ora o esforço de renovação e adaptação criou ocasiões de tensão e conflitos, mesmo crises, entre os cristãos, originando talvez falta de entusiasmo e de fervor. Penso, porém, que depois dos despojamentos de formas do passado, a Nova Evangelização é uma interpretação-desafio e até uma aurora que ajuda a compreender melhor a vocação dos cristãos na Igreja e no mundo.

Mas a renovação, do ardor-fervor continua a obrigar-nos a transformações e mudanças de muitos esquemas e atitudes, nos modos de trabalhar hoje.

E uma primeira consequência, é sem dúvida, a dessacralização das estruturas, mudança de hábitos e costumes, o que quer significar: ir até aos irmãos, aceitar alguns riscos, perder medos, criar caminhos novos, formar novas mentalidades e desenvolver a solicitude social. (CF, SRS).

Mas não menos importante será a vivência de todos os nossos compromissos em ordem a uma renovação que reanimará o ardor e fervor do anúncio do Reino de Deus.

2.4 Ser construtor de comunhão

A Nova Evangelização está chamada, diz João Paulo II, «a criar e reforçar a comunhão eclesial». Supõe um esforço convergente de toda a Igreja e requer credibilidade. Será, pois, indispensável superar divisões, discordâncias que minoram a eficácia da Evangelização. A exortação (CH L 34) sintetiza deste modo este apelo: «refazer o tecido cristão das próprias comunidades».

«A comunhão eclesial assenta na caridade e não apenas em dimensões humanas de ordem psicológica ou sociológica»... «Trata-se de um elemento decisivo, a inspirar o modelo da Igreja que queremos edificar. E no que à vocação, missão e concretização dos fiéis leigos diz respeito, «elas só podem ser compreendidas, de forma adequada, no contexto vivo da igreja comunhão»²². E referindo-se às paróquias

²² Conf. Ep. Port., Lisboa, Ed. SGE, (1989), 5.

no mesmo documento insiste-se: «A unidade, na comunhão eclesial, da diversidade dos carismas, dos serviços e dos grupos justificados pela missão, é o segredo da renovação da paróquia contemporânea»²³.

2.5 Ser sinal do Reino

A função profética é denunciar, desestabilizar, questionar, demolir para edificar e planear (Je 1, 9-10). O anúncio e a denúncia são os eixos da acção profética. O Profeta é este sinal que acelera as mudanças, aponta a hora de Deus. Anuncia a esperança. Vive, mergulhado na realidade, à que é muito mais sensível. E deste modo choca com as suas palavras e ideias muitas mentalidades e instituições.

Por isso, todo o profeta encontrará certamente oposição, isolamento, muitos riscos e às vezes a morte. Só uma pessoa que pouco ou nada tenha a perder, porque livremente tudo entregou terá esta capacidade. A Nova Evangelização é uma interpelação para este sinal profético necessário ao Reino. Talvez falem hoje profetas no nosso meio!

A força profética marca a dinâmica da presença constante de Deus na história e imprime direcção aos acontecimentos: «não extingue o Espírito» (1 Tes 5, 19), escreveu Paulo.

Este sinal passa pela palavra, que «continua a ser sempre actual, sobretudo quando for portador da força divina» (EN 42), mas sobretudo pelo «testemunho de uma vida autenticamente cristã entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização». O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres»²⁴.

2.6 Ser fiel

Não há dúvida que a fidelidade a Cristo, à igreja ao mundo e ao homem nestes anos 90 tem como linguagem, o testemunho. É a linguagem que compreende as novas gerações e todas as culturas. O testemunho fala e tem valor para dar sentido à vida e à vida de fé e assim construir a chamada civilização do amor.

²³ *Ibidem*, 11.

²⁴ Export Ap. *Evangelii Nuntiandi*, 41.

Mas tem de se superar a possível dissonância entre, Quem envia e Quem é enviado a proclamar ou testemunhar. E esta dissonância pode acontecer:

- porque o Evangelizador-testemunha é infiel ao núcleo da mensagem, deformando-a com as suas próprias ideias ou gestos;
- porque o Evangelizador é infiel ao sentido da Evangelização rebaixando-a a mera propaganda, ou simples profissão;
- ou porque o evangelizador é infiel à permanente renovação e adopção dos métodos e ao respeito dos destinatários.

A fidelidade dinâmica exige um ajustamento permanente.

2.7 Ser audaz

Só a audácia e criatividade descobrirão um novo ardor, novos métodos e uma nova expressão. É preciso aceitar este desafio de um novo estilo de evangelização, que obriga a procurar, reformar, criar, descobrir caminhos por onde se comunique nos anos 90 o Evangelho de Jesus Cristo.

Estas interpretações e desafios dão direito ao engano, ao erro, mas certamente nos incitam à descoberta e a não ocultar a luz do Evangelho e sobretudo a contribuir e a responder aos apelos da Nova Evangelização.

A Evangelização é a tarefa primordial da Igreja de Jesus Cristo. Evangelizar é a sua razão de ser. É a urgência que brota da nova situação. É preciso libertar-se da mediocridade da inércia repetitiva na acção evangelizadora. Nestes anos 90 não pode a comunidade eclesial alijar este compromisso que:

- exige uma fé mais pessoal e transparente;
- enfrenta o desafio da inculturação;
- atende aos destinatários preferencialmente abandonados, os marginalizados da sociedade, os pobres;
- reclama convergência evangelizadora.

Na sociedade secularizada a vida cristã deverá oferecer o testemunho e experiência de um humanismo transcendente. Toda a vida cristã e cada comunidade há-de converter-se em sinal da dimensão transcendente da existência humana e proclamar que Deus revelado em Cristo, sem ser o único bem, é contudo o único necessário.

Na sociedade desumanizada e despersonalizada pelo anonimato e tecnificação, os cristãos estão chamados a ser fermento e paradigma de humanização. Este compromisso tem uma dupla dimensão: para o interior da mesma comunidade cristã e para todas as instituições mesmo alheias.

Na sociedade dividida em ricos e pobres será urgente desempenhar a função em primeiro lugar de contestação diante do consumismo reinante, apelando para uma sociedade do «suficiente». Mas não se trata menos urgente desenvolver o sentido da solidariedade partilhando o que somos. Temos como obrigação ser «homines servientes» que vivem com o suficiente. Este pode ser um grito contra a injustiça e divisão.

Na sociedade de autosuficiência e autonomia total, a vida cristã tem que oferecer o testemunho de uma salvação integral, que só uma comunidade salva pode anunciar. Por outro lado, é impensável que um homem tenha recebido a palavra e descoberto o Reino sem se converter em alguém que O testemunha e anuncia.

E finalmente, a ninguém passa despercebido que a nossa realidade sócio-cultural e, consequentemente sócio-religiosa é hoje outra. É também notório que estão afectados de modo sério os comportamentos, a escola de valores, os critérios de julgar, os centros de interesse, bem como os estilos de vida das pessoas, dos grupos e das comunidades.

Esta nova situação necessita de Nova Evangelização, como o está repetindo continuamente João Paulo II e os nossos bispos nos seus documentos pastorais: «Só é possível evangelizar Portugal agindo sobre a cultura». Porque «sendo a cultura o quadro onde cada um vai espontaneamente beber o sentido da sua vida e os princípios da existência, num contexto cultural que se afasta progressivamente da compreensão do homem e da história, a existência cristã pessoal torna-se mais difícil, abandona-se mais facilmente a prática religiosa e, mesmo quando esta subsiste, verifica-se um corte entre a religião e a vida. Só é possível evangelizar Portugal agindo sobre a cultura, reevangelizando a cultura»²⁵.

Esta Nova Evangelização exigirá nestes anos próximos um *esforço activo e convergente* na acção a realizar a fim de alcançar estruturas educativas, família, centro de reflexão produtores de mentalidades e meios de comunicação social para que a perspectiva cristã inspire os valores culturais dos portugueses nestes anos 90.

²⁵ Conf. Ep. Port. *Ibitem*, 16.

Mas podemos reanimar a esperança, ao geito de João Paulo II: «Ao aproximar-se o terceiro milénio da Redenção, Deus está a preparar uma grande primavera cristã, cuja aurora já se antevê... A esperança cristã apoia-os num empenhamento profundo a favor da nova evangelização e da missão universal, e faz-nos rezar como Jesus nos ensinou: «Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu» (Mt 6, 10)²⁶.

E todos nós portugueses neste momento em que celebramos cinco séculos de acção missionária, sublinham os nossos bispos, «apresenta-se-nos o desafio de uma Evangelização contínua da Igreja e da busca de novos caminhos para a reevangelização da sociedade e para colaboração com outras Igrejas irmãs. Estamos certos de que a renovação da Igreja em Portugal dependerá da fidelidade ao mandato do Senhor: «Ide e de todas as nações fazei discípulos» (Cf. Mt 28, 19-20)²⁷. A nova Evangelização deve despertar e mobilizar todas as estruturas e energias missionárias dos membros do Povo de Deus para alimentar o novo ardor, criar novos métodos e descobrir nova expressão, a fim de que toda a língua proclame que Jesus é o Senhor para glória de Deus Pai (Fil. 2, 11).

A. Gomes Dias

Introdução à leitura da «Consolação da Filosofia» de Boécio

*«Ó Mestre, contém as correntes desenfreadas
e sob a mesma lei que rege o céu infinito, dá
à terra uma estabilidade inabalável.»*

(Cons. Fil., Livro 1, poesia 5, parág. 3)

A «Consolação da Filosofia» foi, do séc. VI ao séc. XIII, não só uma das obras de maior implantação nos mosteiros e escolas cate-drais mas também, e isto será o mais importante, o instrumento de iniciação comum a todos aqueles que se dedicavam às «ars liberalis»¹.

Para que uma obra atingisse tal grau de universalidade e pereinidade seria necessário que, por um lado, os padrões e a fisionomia da cultura cristã medieval mantivessem uma certa unidade, por outro, que a própria obra, enquanto texto, produzisse e representasse de forma eficaz as preocupações e os hábitos fundamentais de uma mentalidade que durou pelo menos cinco séculos.

Essa eficácia assentaria em duas exigências:

Primeiro, que as linhas de força da «Consolação da Filosofia», apontassem para o núcleo de questões centrais da intelectualidade medieval.

Segundo, que esta primeira condição se concretizasse não apenas pelo conteúdo dos enunciados mas, sobretudo, pelo modo como o texto no seu ritmo e composição produzisse formas de enunciação adequadas.

Façamos para já uma breve retrospectiva.

Após a tomada de Mégara (séc. III. A. C.) um Governante quis indemnizar o filósofo Estilpão pelos prejuízos que o atingiram e pediu-lhe um inventário estimativo. Este respondeu «que não havia

²⁶ Carta Enc. *Redemptoris Missio*, 8.

²⁷ Conf. Ep. Port., *ibidem*, 23.

¹ Sobre o assunto cf. JACQUES PAUL, *Histoire intellectuelle de l'occident medieval*, Paris, A. Collin, 1973, 96-98. Além do papel fulcral da «Consolação da Filosofia» no ensino medieval, A «Institutio Arithmetica», a «Institutio Musica» a «Institutio Geometrica» bem como os comentários às «Categorias», «Sobre a Interpretação», «Tópicos» e «Analíticos» eram as obras boecianas que sustentavam em quase todas as escolas estrutura curricular do «trivium» e do «quadrivium».